

## **Nomofobia do terror: Perspectivas do consumo de redes sociais Ocidente-Oriente<sup>1</sup>**

Victória Rosário<sup>2</sup>

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Com a introdução das novas tecnologias e a modernização dos telefones celulares, ocorreram mudanças significativas na interação entre o humano e a tecnologia, tanto *on-line* quanto *off-line*. O instrumentalização do telefone e o acesso à internet desencadearam inúmeros desafios à sociedade contemporânea, entre eles, o constante desejo de estar conectado às redes sociais. Essa conexão muitas vezes é alimentada por tragédias, sobretudo as ocorridas no Oriente Médio. O estudo pretende examinar as relações entre tecnologia e o humano e ampliar a compreensão das narrativa do terror no Oriente Médio a partir de livros, artigos e entrevistas com pessoas afetadas pela nomofobia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Tecnologia; Oriente Médio; Nomofobia;

### **INTRODUÇÃO**

A nomofobia é um fenômeno recente decorrente do aumento e da interação entre o humano e as novas tecnologias. O transtorno de fobia social caracteriza-se pela evolução crônica de quadros de ansiedade em situações sociais que envolvam contato interpessoais, alterando significativamente a vida pessoal, social e profissional dos sujeitos (Senador, 2019). A partir desse prisma, o estudo busca elencar três tópicos: I) Compreender o conceito de nomofobia e as relações sociais digitalizadas. II) Analisar a retroalimentação de discursos sobre o terror nos meios de comunicação de massa Ocidente-Oriente Médio após o 11 de setembro. III) Realizar entrevistas em profundidade com perfis de 12 a 50 anos de idade, a fim de analisar a presença de características da nomofobia entre os perfilados.

Com a revolução tecnológica a partir dos anos 2000, a mídia tradicional tem abordado a crescente dependência do humano em relação às novas tecnologias sobretudo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação Consumo e Religião, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista pela FAPCOM e Pós-graduanda em Política e Relações Internacionais pela FESP-SP. E-mail: [victoriarosario021@gmail.com](mailto:victoriarosario021@gmail.com)

com o telefone celular. A popularização das redes sociais tem despertado o interesse de pesquisadores e clínicos para compreender melhor as relações entre mídia, consumo e sociedade. Inicialmente, concentrados no vício em celular como principal meio de comunicação, os estudos evoluíram à medida que o dispositivo passa a incorporar funções de entretenimento. Em decorrência disso, o celular passa a ser um instrumento de propagação de discursos de ódio e visam disseminar narrativas de terror sobre o Oriente Médio. Após os atentados do 11 de setembro de 2001, isso alterou significativamente a dimensão dos comportamentos desadaptativos (Costa; Góes; Abreu, 2013).

O termo nomofobia caracteriza a ansiedade e o desconforto causado por ficar *off-line* e incomunicável, seja por meio do computador ou do celular (King; Nardi; Cardoso, 2014). As transformações sociais desde o advento da internet há quase 30 anos são significativas. O comportamento entre o homem e a tecnologia mudou a tal ponto que não é mais possível distinguir vida pessoal de vida conectada. Para o sociólogo Massimo Di Felice (2010), vivenciamos a quarta revolução industrial e a estrutura da comunicação está sendo modificada. A tecnologia transforma a sociedade por gerações, desde o advento da prensa de Gutenberg até o surgimento da escrita a partir século V, a.C.

“A dependência mediada”, segundo Rushkoff (2012), é um dos grandes males da era digital. A conectividade cresceu de forma imensurável com aumento do tempo de uso diário nas redes sociais. A passividade do sujeito sob a dominação da técnica torna-se um instrumento de poder às *big techs*. Atualmente, passa-se o dia inteiro em aplicativos como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros. Isso gera um mundo de possibilidades, direcionamentos e redirecionamentos a links. Os algoritmos enredam as pessoas instigando-as a ficarem cada vez mais conectadas de forma a trabalhar a subjetividade do sujeito e suas escolhas. A falsa impressão do controle do que se deseja passa a ser comandado pela tecnologia, instigando o sujeito a retroalimentar conteúdos manipulados pelos algoritmos.

A partir desse contexto, o tópico II ressalta o discurso das redes sociais e dos meios de comunicação de massa que, intrinsecamente, geram conteúdos por algoritmos que um sujeito pode curtir. Exemplo disso, foi a proliferação dos ataques do 11 de setembro de 2001. O discurso ocidental por meio do Presidente George W. Bush sobre o ataque às torres gêmeas gerou um impacto significativo na forma como o ocidente passou a olhar os povos do Oriente Médio. A perspectiva pejorativa ocidental de massificar e

denominar de forma maniqueísta, (bem ou mal) um continente específico, abre portas ao preconceito e legitima discursos de prevenção e securitização internacional através dos meios de comunicação de massa amplificado pelas redes sociais (Buzan; Hansen, 2012).

A ordem neoliberal de implementar e impor a modernização massiva a todas as nações no Ocidente, é incontestável perante a “vigilância universal” segundo Michael Foucault (2014). Essa nova ordem social estabelece o que o autor chama de “ausência de consciência” o controle da tecnologia sobre a condição humana. Essa forma de controle por meio da midiaticização pode gerar prazer e entretenimento ao navegar pelas redes sociais. Por outro lado, se um sujeito é resistente ao algoritmo - e ir vai na contramão do domínio interestatal, o algoritmo compreende que terá que bombardeá-lo com mais conteúdos e ações que se encontra resistente a “política de destruição”, ou “política de modernização” (Bauman, 2014).

O tópico III traz entrevistas com perfis de 12 a 50 anos de idade para aprimorar novos estudos que permeiam a comunicação, o consumo e as novas transformações tecnológicas na área da comunicação e o fomento à pesquisa e tecnologia. O objetivo do estudo é lançar luz sobre a chamada ‘nomofobia do terror’ a partir do conceito de nomofobia e analisar a retroalimentação de discursos ocidentais que generalizam o preconceito no oriente médio através dos meios de comunicação de massa.

A partir deste viés, o subconjunto da nomofobia, particularmente evidencia a intersecção das culturas ocidentais e orientais. O desejo incessante de estar conectado, alimentado pela constante busca por atualizações nas redes sociais, é analisado aqui não só como uma manifestação de ansiedade digital, mas também como um fenômeno que se entrelaça com narrativas de terror e tragédia, especialmente no Oriente Médio.

A metodologia adotada é multidisciplinar e baseada em uma análise entre a área da comunicação social, relações internacionais, a busca de fontes acadêmicas, artigos, livros e relatos de sujeitos afetados pela nomofobia. Além disso, serão consideradas as percepções e experiências de indivíduos envolvidos na intersecção do consumo das redes sociais e a análise de discursos de preconceito legitimados pelo Ocidente para o Oriente Médio. Entrevistas e questionários serão conduzidos com sujeitos diagnosticados com nomofobia a fim de compreender melhor os mecanismos subjacentes ao fenômeno e sua relação com a exposição de conteúdos que repreendem e generalizam o discurso de ódio sobre o Oriente Médio.

Os resultados esperados incluem uma compreensão mais aprofundada sobre dinâmicas entre o humano, a tecnologia e as narrativas do terror, sobretudo no contexto do consumo de redes sociais. Espera-se identificar padrões de comportamento e percepções compartilhadas entre os afetados pela nomofobia e explorar esses padrões influenciados por fatores culturais, sociais e políticos específicos. Para compor o estudo, serão realizadas entrevistas em profundidade para analisar as diferentes perspectivas de relacionamento entre o humano e a tecnologia. Elencamos abaixo o perfil dos entrevistados pela categoria A, B, C e D, compostos por homens e mulheres da faixa dos 12 aos 50 anos de idade.

Tabela 1: Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Gênero	Idade
A	2- Adolescentes	12 - 17 anos
B	2- Mulheres	18 - 35 anos
C	2- Homens	18 - 35 anos
D	2 -Homens/Mulheres	36 - 50 anos
Entrevistados do gênero feminino: 5		
Entrevistados do gênero masculino: 3		
<b>RESULTADOS ESPERADOS (TOTAL): 8 Entrevistados</b>		

Fonte: Elaborado pela autora

O estudo pretende fornecer insights para profissionais da área da comunicação social, pesquisadores, professores(as), estudantes, visando abordagens mais eficazes para lidar com os desafios associados ao uso excessivo das redes sociais e sua interação com discursos que propagam o terror do Ocidente para o Oriente. Ao entender melhor as complexidades desse fenômeno, podemos esperar desenvolver estratégias mais eficazes para mitigar impactos negativos e promover um uso mais saudável e equilibrado da tecnologia na sociedade contemporânea.

Em conclusão, este estudo sobre a nomofobia do terror: perspectivas do consumo das redes sociais Ocidente-Oriente, revela uma interconexão complexa entre a tecnologia, a análise dos discursos interestatais do Ocidente impostas pela generalização do terror e a saúde mental. Ao longo da análise multidisciplinar realizada, fica evidente que o fenômeno da nomofobia não é apenas reflexo da crescente dependência da tecnologia,

mas está intrinsecamente ligado aos discursos de terror e medo, que legitimam a fobia social para um sujeito que sofre de nomofobia, sobretudo, quando se refere ao Oriente Médio e seus conflitos.

A interseção entre o consumo das redes sociais e os discursos de terror, revelam padrões preocupantes de comportamento, incluindo uma busca incessante por atualizações e uma sensação de ansiedade constante associada à desconexão. O estudo destacou a importância de compreender as dinâmicas culturais, sociais e políticas específicas do Oriente Médio na formação desses padrões de comportamento, bem como a necessidade de abordagens mais holísticas para lidar com os desafios associados à nomofobia.

Os resultados acerca da nomofobia apesar de ser de alta complexidade podem fornecer insights valiosos para profissionais da área da comunicação, pesquisadores, professores(as) e estudantes. Ao reconhecer a interação complexa entre o consumo das redes sociais, as narrativas de terror e a saúde mental, podemos desenvolver estratégias mais eficazes para lidar com a nomofobia e promover um uso mais equilibrado e saudável da tecnologia.

É importante ressaltar que o estudo representa apenas um primeiro passo na compreensão para compreender esse fenômeno tão complexo. São necessárias pesquisas adicionais para explorar mais a fundo os mecanismos subjacentes à ‘nomofobia do terror’ e desenvolver intervenções mais direcionadas e eficazes. A colaboração entre diferentes disciplinas é fundamental para abordar esse desafio de forma abrangente e significativa.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- COSTA, Moerbeck.; GÓES, Dora Sampaio; ABREU, Cristiano Nabuco, de. Dependência de Celular. *In*: ABREU, Cristiano Nabuco, de; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana, Graciela Bruna. (Org.). **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde; na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2013, p.104-115.
- BUZAN Barry; HANSEN, Lene. **A evolução dos estudos de segurança internacional**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FELICE, Massimo Di. **Pós-humanismo. As relações entre o humano e a técnica na época das redes.** São Caetano do Sul: Editora Difusão, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KING; Anna Lucia Spear; NARDI. Antônio Egídio. CARDOSO, Adriana. **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependências do telefone celular?** São Paulo: Editora Atheneu, 2014.

MATOS, Daniel Ivori de. **A guerra ao terror e o cinema estadunidense pós-11 de setembro de 2001.** 2018. 319f. (Tese) Doutorado em História Social. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2028.

MAZIERO, Mari Bela; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. **Nomofobia: uma revisão bibliográfica. Unoesc & Ciência – ACBS.** Santa Catarina. v.8, n.1, p.73-80, jul./dez. 2016.

RUSHKOFF, Douglas, Mark. **Equipe humana.** Porto Alegre: Bookman, 2012.

SENADOR, André. **Nomofobia 2.0** E outros excessos na era dos relacionamentos digitais. São Paulo: Editora ABERJE, 2019.